HERMES

JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR

ANO 5 · NÚMERO 35 · JULHO 2026

Editorial

— António Braz
Presidente do Conselho Executivo USG

Embora as aulas já tenham terminado, a azáfama da preparação do Ano Letivo 2026/2027 está ao rubro. Este é sempre um período decisivo, em que cada detalhe conta para que tudo esteja pronto no momento em que os alunos regressarem às atividades.

Renovações de inscrições, agendamento de novos alunos, organização da semana de receção, preparação das turmas, folhas de presença, dossiers de professores — uma lista extensa de tarefas que exige rigor, coordenação e espírito de equipa. É este trabalho silencioso, muitas vezes invisível aos vossos olhos, que garante que iniciemos cada ano "com o pé direito", com tudo preparado para acolher a comunidade sénior da melhor forma.

Se para os alunos as férias já chegaram, para a equipa que assegura o funcionamento desta casa aproxima-se agora o merecido período de descanso. Um descanso justo, conquistado após meses de dedicação e, sobretudo, após este esforço final que permite que a Universidade Sénior continue a ser um espaço de aprendizagem, convivência e crescimento.

As palavras que agora vos dirijo são, por isso, também um agradecimento. À equipa que não falha, que planeia, organiza e antecipa. Que trabalha com profissionalismo e com o coração. E que faz da Universidade Sénior de Gondomar um projeto vivo, sólido e cada vez mais reconhecido no território.

Bem-haja a todos!

Voando sobre um ninho...

— Milú Almeida

Com o tempo, os sonhos evoluem, alguns desaparecem e outros nascem, mais tranquilos e reais. Se assim não fosse, teríamos nascido velhos e a vida não tinha piada – seria seca, calada, duma igualdade sombria que até penava!

Já fui capitã duma nave espacial que chegou à lua com vitória garantida.

Agora sou, simplesmente, astronauta nas asas dum passarinho, voando sobre um ninho, com muitos sonhos nas pernas.

A razão não abranda quando o coração abana e ambos têm direito de existir e o dever de buscar o equilíbrio.

Em pequenina, sonhava ser atleta e correr como tolinha para conseguir medalhas de ouro; depois, quis ser ginasta ou, melhor ainda, patinadora artística. A avó dizia que "aquilo" só por eletricidade, e então eu sonhava com isso, dada a graciosidade que esses bailados tinham.

Com a descoberta dos livros (Aventuras dos Cinco e dos Sete), sonhei ser aventureira e descobrir a solução de muitos mistérios.

Entretanto, fui uma jovem médica, pediatra, porque os bebés e as crianças deviam poder viver.

Sonhei ser sempre forte e rebelde quando o prato apresentado ia contra a minha essência humana.

Já fui espuma do mar amado, deitada em dunas com o amor ao lado. Fui mãe e mulher num tempo de nadas (que valiam tudo). Já fui canção de infância, folhas riscadas com lápis de cera e andei de gatas com uma alegria sem nome. Fui tentação até às tantas, com a lua cheia e o mar a gosto, o corpo amado no chão esperando a madrugada em abraços com o canto das noitadas.

Vi fantasmas de esperança caírem sobre pétalas indefesas, com os abrigos em desalinho.

Fui vela que se extingue na luz que derrama por fora e dentro do peito, nas noites sem sono e sem dono. Já fui jovem apaixonada por tudo e nada, alquimista duma estrada incerta, penosa, indiscreta, assente numa promessa depressa esquecida. Já fui dorida, mulher sem graça, suada de trabalho e pressa, perdida que era a estima, porque a confiança não abundava.

Já semeei pedras e lágrimas pelo leito sagrado, num tempo de mágoa e perdição. Marinei entre cores vivas e experiências criativas, balançando em sonhos que ardiam e de mim fugiam a toda a hora porque nus tremiam de frio e vento nas manhãs nubladas.

Já ambicionei ser bonita e bem feita, sem dar conta que já o era e que essa era uma das causas – pesadas! – pelas quais era enxovalhada e maltratada pelas colegas, e "comida com os olhos" pelos colegas de serviço. Dei conta das mágoas sem me aperceber que toda a minha beleza estava nos meus sentimentos, nos conhecimentos, entregas, emoções e riquezas da minha alma.

Já fui começo e fim, perdida de mim e perdida dos outros. Já fui atriz de teatro e cantei com muito agrado. Recebi ovações imensas e ramos de flores havia-os por todo o lado.

Tive pensamentos que me deram força para navegar noutros lugares, às vezes fofos, noutros loiros como as searas, ou cheiro a terra antes das chuvas.

Já fui dona da escrita e poeta e errei nos caminhos tidos como certos por muito tempo. Queimei os pergaminhos onde a minha vida e sonhos rasgavam os céus, como se assim fosse possível eliminar a minha história, esquecer o passado ou começar a sonhar e viver só a partir desse momento.

Já viajei daqui à Índia, andei por terras africanas, no meio de tigres e selvas, e conheci montes de terras e terriolas românticas, diferentes e belas que me deixavam sem fôlego ou serviam de retiro espiritual que, depois, iluminavam minhas notas e escritas.

Agora, solto o cabelo prateado como os reflexos da lua sobre a água, e canto cantigas que me encantam.

Feita aluna, danço zumba e tudo o mais que apareça, e as palavras dançam comigo, em segredo, roubando-me o tempo que cada vez é mais curto e não entendo.

Batalho para realizar e, sobretudo, não trair meus sonhos mais queridos e íntimos, com as asas lubrificadas pela beleza que há em voar sobre … um ninho de cucos.

A infância e a aprendizagem em três episódios: As Laurindas

— Margarida Rodrigues

Terceiro Episódio

A terceira Laurinda apareceu na minha vida na entrada para o quinto ano de escolaridade, na escola Júlio Dinis. Tínhamos 11 anos e fomos pela primeira vez para uma escola grande. Tínhamos feito a primária juntas, mas não nos relacionávamos muito.

Talvez ao entrar naquela escola, e por ser tudo tão diferente tivéssemos necessidade de nos aproximar. A Laurinda tem 5 irmãs e 1 irmão, mas todos com idades aproximadas. Tornámo-nos companheiras de carteira desde o primeiro dia, e assim nos mantivemos até ao quinto ano do Curso Geral do Comércio. As nossas inseguranças e feitios aproximaram-nos.

Uma rapariga, simples, filha de lavradores, morava do outro lado da avenida, no Taralhão. Acabadas as aulas regressávamos juntas a casa O colégio Paulo VI era o nosso ponto de encontro e de despedida, A Laurinda tinha que ir ajudar nos campos.

Após o fim do curso comercial, seguimos rumos diferentes. – Eu continuei a estudar, a Laurinda não. Encontramo-nos esporadicamente, cumprimentamo-nos de beijo e um abraço, sempre com muito carinho, e sempre com um brilho nos olhos dela. Arranjou emprego como auxiliar numa ordem hospitalar, e ainda lá trabalha.

Nunca senti na Laurinda revolta por não ter tido hipótese de viver a juventude como eu, como nós. Aceitou a vida de trabalho imposta pelos pais até à morte deles. Calma, simples, continua a vestir-se exatamente como há cinquenta anos, usa o mesmo corte de cabelo, nada mudou na Laurinda, nem o seu coração calmo, caloroso e amigo.

Espero que quando se reformar, tenha um bocado mais de tempo, e quando vier a S. Cosme possamos falar mais um bocado. Não tem hábitos de café, nunca falamos sobre livros ou filmes. Perante ela sinto-me inibida, mas feliz. Casou com um rapaz muito simples, mudaram de freguesia e nasceu uma filha, que há dois anos se formou em medicina de clínica geral.

A Laurinda sempre teve um grande coração. Quando, nos 5º e 6º ano, na aula de apresentação, os professores perguntavam a profissão do pai, eu ficava envergonhada e triste por dizer

que o meu tinha morrido. Era uma sensação tão desconfortável que ainda hoje acho uma crueldade para uma criança ter que responder a esse tipo de perguntas, bem como festejar o Dia do Pai e da Mãe.

Doía muito. A Laurinda pousava as mãos dela em cima das minhas como sinal de apoio.

Em todas as vezes que a encontro, falámos das adversidades da vida. Da última vez que a vi, contei-lhe que tinha ficado viúva recentemente. Choramos ambas, e, carinhosamente, ela pegou nas minhas mãos e olhou fixamente para mim. Um simples gesto que sinto como uma bênção e que vale mais que todas as palavras que possam ser ditas.

Obrigada, Laurinda!

As Aventuras de quem sobreviveu à Escrita

— Violante Seabra

Tenho uma vantagem sobre muitos dos jovens de hoje: sobrevivi a todas as espécies de instrumentos de escrita sem nunca precisar de manual de instruções. Já fui utilizadora de pena, de aparo, de tinteiro, de máquina de escrever, de computador e, imagine-se, até de telemóvel. Se isto não conta como evolução, pelo menos conta como resistência.

A escrita, coitada, também já passou por muito.

Começou por ser gravada em pedra. Era uma época em que um erro ortográfico exigia um novo pedreiro. Felizmente, alguém percebeu que aquele método era pouco prático. Imagine-se Moisés a pedir uma borracha...

Depois veio o barro, o papiro, o pergaminho e o papel. A humanidade foi descobrindo materiais cada vez mais leves, provavelmente porque ninguém tinha vontade de transportar uma biblioteca que pesasse o mesmo que uma pedreira.

Quando Gutenberg inventou a imprensa, os livros multiplicaram-se. Alguns ficaram felizes. Outros, certamente, lamentaram não existir ainda um botão "Cancelar Impressão".

Mas a verdadeira aventura começou quando entrei para a escola.

A minha primeira companheira foi uma lousa. Era ecológica, económica e profundamente democrática. Recebia letras bonitas e gatafunhos com a mesma dignidade. Bastava passar o apagador e todos os pecados caligráficos eram absolvidos. Hoje chamam-lhe "eliminar histórico". Nós já fazíamos isso há setenta anos.

Depois apareceu a pena de aparo. Que instrumento fascinante!

Mergulhava-se a ponta no tinteiro, escreviam-se duas palavras e... voltava-se ao tinteiro. Mais duas palavras... e outra viagem ao tinteiro. Se a escrita fosse uma peregrinação, aquela caneta já tinha direito a passaporte.

Naturalmente, mais cedo ou mais tarde, acontecia o inevitável. A tinta derramava-se. Nunca uma gota. Não. A tinta possuía uma vocação artística e preferia criar um oceano azul sobre a folha, os dedos, a bata e, se houvesse oportunidade, também sobre a cara. Ainda hoje desconfio que alguns colegas eram reconhecidos em casa pela cor das mãos.

Os cadernos tinham linhas muito direitas. As professoras acreditavam que, se as letras fossem disciplinadas, os alunos também seriam. Era uma teoria otimista.

Mais tarde chegou a caneta de tinta permanente.

"Permanente" era um nome extremamente adequado. A tinta permanecia nos dedos durante dias. Permanecia nas camisas. Permanecia nas toalhas da mesa. Permanecia na memória da minha mãe, sobretudo quando descobria mais uma nódoa impossível de tirar.

Depois surgiram as esferográficas.

Foi uma revolução! De repente, escrever deixou de parecer uma experiência química. Já não era preciso andar acompanhado de um tinteiro como quem transporta uma relíquia. A única preocupação passou a ser aquela misteriosa lei

universal segundo a qual todas as esferográficas deixavam de escrever precisamente durante os testes.

Então chegou a máquina de escrever.

Aquilo não era um instrumento de escrita. Era uma sessão de ginásio. Cada tecla exigia convicção. Quem escrevia com delicadeza produzia páginas cheias de letras invisíveis. Quem escrevia com entusiasmo acordava a vizinhança inteira.

E os erros? Magníficos!

Primeiro raspavam-se as letras com uma lâmina. Depois apareceu o corretor branco, uma espécie de maquilhagem para textos. Ficávamos à espera que secasse, voltávamos a escrever... e rezávamos para acertar à segunda. À terceira, a folha já parecia uma parede mal estucada.

Quando apareceu o computador, pensei que a humanidade tinha atingido o auge da civilização.

Enganei-me. O auge ainda estava para vir.

Hoje escrevo num telemóvel que acredita conhecer melhor os meus pensamentos do que eu própria. Basta carregar numa letra e ele completa a palavra. Ou melhor... inventa-a.

Escrevo "poesia" e ele sugere "picanha". Escrevo "saudade" e responde "sábado". Escrevo "amor" e aparece "amortização".

Há dias em que o corretor automático revela um pessimismo que nem Freud explicava.

E, no entanto, todos dizem que isto é inteligência artificial.

Eu tenho dúvidas. A minha velha caneta de aparo borratava folhas, é certo, mas nunca teve a ousadia de corrigir Camões.

Olho para trás e percebo que passei uma vida inteira a adaptar-me às invenções. Aprendi a não entornar o tinteiro, a dominar a máquina de escrever, a confiar no computador e, agora, passo metade do tempo a discutir com um telemóvel que insiste em alterar aquilo que escrevo.

Se isto é progresso, aceito. Mas, cá entre nós, às vezes tenho saudades da lousa. Ao menos, quando ela fazia asneira, a culpa era sempre minha. Afinal, a escrita evoluiu durante cinco mil anos. Eu também. A única diferença é que antes lutava contra o tinteiro; hoje luto contra o corretor automático que, por vezes, só diz disparates. Confesso que ainda não sei qual dos dois ganha.

O instante em que Deus inventou a saudade

— Etelvina Sousa Ferreira

Quando Deus criou o mundo, não faltava nada: as montanhas erguiam-se em plena majestade. Os rios corriam sem pressa. As árvores davam sombra antes mesmo de alguém a pedir. O mar conhecia o nome da lua e a lua reconhecia o silêncio do mar.

E Deus viu que tudo era bom.

Depois criou o Homem: deu-lhe a inteligência para descobrir, as mãos para construir, os olhos para se maravilhar e um coração capaz de amar mais do que a si próprio.

Mas, ao oferecer-lhe a liberdade, Deus abriu também as portas do tempo. E o tempo trouxe o primeiro adeus. Pela primeira vez, um abraço não bastou para impedir uma partida. Pela primeira vez, uma voz permaneceu viva apenas na memória de quem a escutara. Pela primeira vez, uma mesa ficou posta para alguém que já não voltaria.

Conta a tradição do Céu que Deus contemplou aquele silêncio durante muito tempo. Não anulou a morte nem apagou a distância, porque um amor protegido de toda a perda seria belo, mas não seria livre.

Então fez apenas uma coisa: inclinou-se sobre o coração do Homem e deixou nele um lugar que ninguém poderia ocupar, a não ser quem tivesse sido verdadeiramente amado.

A esse lugar deu um nome. Chamou-lhe Saudade.

Desde então, a saudade nunca foi um castigo. É o espaço onde o amor continua a respirar quando a presença já não é possível.

É por ela que uma mãe permanece na ternura dos filhos muito depois de partir. Que um pai continua a ensinar pelo exemplo da sua ausência. Que um amigo regressa numa gargalhada inesperada. Que um grande amor atravessa os anos sem pedir licença ao tempo.

A morte leva os corpos. O tempo leva os dias. O esquecimento tenta levar os nomes, mas a saudade resiste: porque não nasceu da morte, mas sim do amor.

E tudo o que nasce do amor pertence, desde o princípio, à eternidade. Talvez por isso Deus nunca retire a saudade do coração humano.

Quem ama sem saudade amou apenas por um momento. Quem guarda saudade descobre que nenhum amor verdadeiro termina onde termina a vida.

No fim de todos os caminhos, quando o último pôr do sol se apagar e o tempo fechar o seu livro, Deus não nos perguntará quantos bens juntámos, nem quantas vitórias alcançámos. Perguntar-nos-á apenas quem trouxemos vivo dentro do nosso coração.

Porque é nessa resposta que se mede uma vida. E talvez seja então que compreenderemos o segredo que Ele guardou desde o princípio:

A saudade não é o peso da ausência. É a forma que o amor encontrou para permanecer até ao reencontro.

Uma história por detrás do quadro: Ceifeiras (1893) de António Carvalho da Silva Porto

— Tétis ao Luar

Nasci para pão.

Foi esse o acordo tácito entre mim e o mundo: crescer, ondular ao vento, acabar em farinha e barriga cheia. Nada de museus.

Mas não... primeiro veio o sol, sempre pontual, como um patrão que não aceita desculpas. Depois a sede, a paciência e aquele amadurecer lento que os humanos chamam "ciclo natural" e nós chamamos "esperar para ser cortado".

E então apareceram elas: duas mulheres, silenciosas, determinadas, com aquelas foices que brilham mais do que deviam. Uma dobra-se sobre mim com intimidade excessiva, como quem já fez isto mil vezes. A outra agarra os meus irmãos mortos e junta-os num abraço final. Nenhuma pede desculpa. Já não estamos nessa fase da relação.

Confesso: fiquei lisonjeado. Nem todo o trigo merece atenção assim.

Quando estava a preparar-me para o golpe final — o chrrac seco que separa a vida da morte — reparei nele. Um homem parado, a olhar. A olhar, imagine-se! Enquanto nós dávamos tudo, ele não fazia nada..., observava apenas.

Em vez de pão, tirou pincéis. Em vez de forno, trouxe tela.

E pronto. Fui promovido!

Já não sou trigo. Sou matéria pictórica. Sou luz dourada. Sou Portugal rural oitocentista. Tudo muito bonito, mas continuo cortado...

O mais irónico disto tudo é que enquanto eu fico eternamente dourado, suspenso num verão que não acaba, elas, as ceifeiras, continuam a trabalhar, sempre, século após século, dobradas, sem direitos nem recurso ao Ministério da Agricultura.

Eu, pendurado em paredes brancas, ouço gente supostamente culta dizer:

— "Reparem na textura..."

— "A nobreza do trabalho rural admiravelmente retratada!"

Nobreza?

Tentem crescer com sede e acabar num quadro. Se pudesse escolher, preferia o pão. Mas já percebi: há destinos piores do que ser trigo. E destinos melhores do que ser ceifeira.

De repente, desço à parede: estão a olhar para mim outra vez.

Convém ondular com dignidade, mesmo quando já não nos empurra o vento, mas o olhar alheio.

Somos memória viva

— João Paulo Pinto

Muitas vezes chamam-nos «idosos», como se uma única palavra pudesse resumir tudo aquilo que somos. Mas, por detrás desse rótulo, existe uma verdade que poucos se detêm a considerar: somos as últimas testemunhas de um mundo que já não existe.

Quem olhar apenas de relance verá os cabelos brancos, os passos mais vagarosos e os sinais que o tempo foi deixando no rosto. Mas quem tiver a paciência de escutar as nossas histórias descobrirá algo muito maior. Não somos apenas pessoas que envelheceram. Somos sobreviventes de uma das transformações mais profundas da história da humanidade.

Nascemos num mundo analógico, onde tudo acontecia mais devagar, e chegámos à era digital, com a sua velocidade vertiginosa. Fizemos essa longa travessia sem deixarmos de reconhecer o valor de um abraço, de uma conversa demorada ou de um gesto de bondade.

Muitos de nós nasceram nas décadas de 1940, 1950 ou no início dos anos 60, quando as feridas da Segunda Guerra Mundial ainda estavam bem presentes e o mundo tentava reaprender a sonhar. As cidades reconstruíam-se, as famílias procuravam recuperar a estabilidade perdida e a esperança renascia, pouco a pouco, no meio de muitas dificuldades.

A nossa infância era feita de coisas simples: brinquedos improvisados, brincadeiras na rua, joelhos esfolados, gargalhadas nos quintais e aventuras ao ar livre. As amizades nasciam frente a frente, sem ecrãs pelo meio. Não havia telemóveis, plataformas de streaming nem uma sucessão interminável de distrações digitais. As nossas memórias foram construídas no mundo real, com tempo, imaginação e histórias contadas de viva voz.

A música também marcou profundamente as nossas vidas. Nos anos 60 e 70, chegaram novas cores, novas ideias e vozes que tiveram a coragem de questionar o mundo. Woodstock, em 1969, foi muito mais do que um festival: tornou-se o símbolo de uma geração que acreditava que a música, a paz e a união poderiam ajudar a mudar o futuro. Cada canção parecia trazer consigo uma promessa de liberdade.

Estudar exigia paciência. Enchíamos cadernos com apontamentos escritos à mão, passávamos horas nas bibliotecas e carregávamos livros pesados debaixo do braço.

Aprendemos a procurar, a pensar com calma e a refletir antes de responder. Os erros corrigiam-se com borracha, tinta ou uma folha começada de novo — não desapareciam com um simples clique.

O amor também tinha outro ritmo. Apaixonávamo-nos ao som dos discos de vinil e das cassetes, em bailes, festas e encontros combinados com antecedência. As relações cresciam devagar. Tornavam-se compromissos, famílias e vidas construídas passo a passo, enquanto a tecnologia ia, discretamente, transformando o mundo à nossa volta.

Talvez nada revele melhor a singularidade da nossa geração do que a ponte que tivemos de atravessar. Vivemos uma infância inteiramente analógica e chegámos a uma idade adulta profundamente digital.

Ainda nos lembramos de esperar dias, por vezes semanas, por uma carta escrita à mão. Conhecemos os telefones de disco e as chamadas feitas com cuidado, porque cada minuto tinha um preço. Hoje, basta tocar num ecrã para vermos, quase de imediato, o rosto de alguém que se encontra do outro lado do mundo.

Vimos o ser humano chegar à Lua. Assistimos ao aparecimento dos computadores pessoais, ao nascimento da Internet e à chegada dos telemóveis inteligentes, capazes de guardar bibliotecas inteiras na palma da mão. As máquinas enormes transformaram-se em pequenos dispositivos de bolso. Os cartões perfurados deram lugar à inteligência artificial. Redes invisíveis passaram a ligar milhares de milhões de pessoas em poucos segundos.

E nós adaptámo-nos.

Aprendemos novas linguagens, novos hábitos e novas formas de comunicar. Talvez nem sempre com a mesma facilidade dos mais jovens, mas com a persistência de quem já enfrentou muitas mudanças e sabe que aprender não tem idade.

Os nossos corpos também guardam as marcas de tempos difíceis. Crescemos com o medo da poliomielite e da tuberculose. Atravessámos crises económicas, conflitos, períodos de incerteza e emergências de saúde pública. Mais recentemente, enfrentámos a pandemia de COVID-19, que voltou a recordar ao mundo a fragilidade da vida e a importância da resistência,

da solidariedade e do cuidado com os outros.

Vimos a ciência avançar diante dos nossos olhos: a descoberta da estrutura do ADN, a descodificação do genoma humano e os primeiros passos das terapias genéticas.

Assistimos à transformação dos transportes, desde as bicicletas simples, os comboios a vapor e os automóveis ruidosos até aos veículos elétricos, silenciosos e cada vez mais autónomos.

Poucas gerações presenciaram mudanças tão profundas num período tão curto.

Apesar de tudo, há coisas que permanecem iguais: o prazer de uma bebida fresca num dia de calor, o sabor dos legumes acabados de colher da horta, o cheiro do pão, a alegria de reunir a família e o valor de uma conversa longa, sem interrupções de ecrãs ou notificações.

As nossas memórias atravessam décadas. Celebrámos nascimentos e casamentos, chorámos despedidas, vimos partir familiares e amigos e continuámos a contar as suas histórias. Cada um de nós transporta consigo pessoas, lugares, sons e momentos que já só existem na lembrança.

Aqueles que permanecem partilham uma condição rara: encontramo-nos numa encruzilhada da História. Guardamos memórias de um tempo que as gerações mais novas conhecem apenas através de fotografias, filmes antigos ou relatos de família.

Não somos relíquias do passado. Somos pontes vivas entre dois mundos.

Recordamos que o progresso não precisa de apagar a sabedoria e que a velocidade nunca poderá substituir a paciência, a bondade ou a capacidade de refletir. Sabemos como era a vida antes de tudo começar a acontecer tão depressa. E essas lembranças transportam ensinamentos que não devem ser esquecidos.

Por isso, quando nos chamam «idosos», sorrimos. Sabemos que, por detrás dessa palavra, existe uma vida inteira. Somos a geração que atravessou dois séculos, acompanhou quase oito décadas de transformação e passou das cartas escritas à mão para a inteligência artificial.

Que extraordinária viagem tem sido esta. Quanta vida cabe nas nossas memórias.

Se fazes parte desta geração, olha para o espelho com orgulho. Não estás apenas a envelhecer. Estás a transportar a História contigo. És testemunha de um mundo que desapareceu, protagonista daquele que nasceu e parte viva daquele que ainda está por vir.

Coisas Bonitas

— Milú Almeida

Muitos de nós não temos
noção da importância
que tem dizer coisas bonitas.
São coisas simples,
leves portas abertas
para o espelho dos sonhos,
como casulo de mariposa.
Tudo o que é sonho
é desejo de vida,
é ombro com ombro,
um quase beijo ...
que não apela ao pecado
nem aos trocados ...;
é uma dança com sal e mar
no canteiro de hortelã
que rasga a noite
para beliscar a manhã;
são gotas de chuva
a saciar a sede
de quem precisa levantar
após a queda,
os passos incertos
e as vozes roucas;
é uma forma de amar diferente
que não empurra,
nem acusa,
mas não custa
e ajuda a olhar em frente;
são coisas bonitas ...
... com importância ...

A menina

— Etelvina Sousa Ferreira

A menina que já fui
andava sempre a cantar,
fazia ninhos nos sonhos
e castelos junto ao mar.

Saltava muros e valas,
corria atrás do luar;
fazia dos dias festas,
sem ter medo de sonhar.

Trazia o sol nos cabelos,
flores brancas no regaço;
abria os braços ao vento
e ao mundo dava um abraço.

Vieram anos de pressa,
tantas noites sem luar;
mas nunca perdeu de todo
a vontade de sonhar.

A menina que já fui
não se perdeu no caminho;
vive escondida na alma,
a iluminar o meu ninho.